

UM OLHAR SOBRE A LITERATURA E AS ARTES EM GOIÁS

DEPOIMENTO DO PROFESSOR
DOMINGOS FÉLIX DE SOUSA

Goiás velha

*Esquecer que existe o tempo, esquecer que existe o sono,
Esquecer um momento
As duras realidades da vida dos homens.
Deixar correr o tempo, deixar passar o sono, nada mais recordar.
Ouvir o mesmo ingênuo exercício de piano
Pela décima vez
Por trás dessas paredes brancas de dois séculos.
Mãos leves de menina, de moça talvez.
Mais longe um moço estará aprendendo a tocar flauta ou violino
E as notas boiarão esquecidas no ar.*

*Sair agora pela rua, encostar o meu rosto
escaldante mas calmo no rosto desses prédios
velhos, muitos brancos de velhice,
mais velhos talvez do que a serra ao sol-posto
se esbate enorme no azul claro do horizonte.
E gozar a delícia de sentir
Que o tempo passa e não existe o tempo,
Que passa a vida e a vida não existe
E nada é mau neste mundo, nada é triste.*

No dia 04 de setembro de 2005, o professor, escritor, advogado, filósofo e intelectual da maior importância para o Estado de Goiás, Domingos Félix de Sousa, aos 82 anos, conversou, em tom descontraído, marcado por alguns silêncios longos, com as professoras da Unidade Universitária Cora Coralina-UEG, Célia Sebastiana Silva e Maria Eugênia Curado. Participou da conversa a filha do professor, Lígia Félix de Sousa, que, em alguns momentos, fez algumas intervenções para contribuir com as colocações do pai.

Em um depoimento emocionado e emocionante, Domingos Félix demonstra ser uma memória viva dos caminhos da literatura e das artes em Goiás e no Brasil. De forma humilde e modesta (sem reconhecer a dimensão real de sua importância para a literatura em Goiás), conta sobre sua trajetória pela vida intelectual, sobre a convivência com grandes nomes no cenário da literatura brasileira como Abgar Renault, Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues...

O poema “Goiás velha”, transcrito em epígrafe, é de autoria de Domingos Félix que, ao conceder o depoimento, pediu que este fosse aberto com o poema, com o propósito de homenagear a Cidade de Goiás.

Temporis [ação] - Como foi o início da poesia modernista em Goiás?

Domingos Félix - *É eu atuei nesse primeiro grupo formado por mim, Bernardo Élis, José Décio Filho e José Godoy Garcia.*

*A arte modernista não chegou a Goiás só por São Paulo e Rio de Janeiro. Veio de vários lugares. De Minas, por exemplo. Um poema como o de Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, “no meio do caminho”, aparentemente com um erro de gramática, causou uma revolução. É de um conteúdo humano formidável. Nós temos que reconhecer o valor dessas poucas palavras do grande poeta — caminho, pedra e só —. Ninguém imagina um homem projetando esse caminho e essa pedra. — (Recita, emocionado, o poema *No meio do caminho*).*

No meio do caminho tinha uma pedra

*Tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra (sic).*

Não é só bonito (o poema), é profundamente humano. É um dos poemas mais humanos que tem dentro da literatura universal. Quem que não tem uma pedra no caminho? Aconteça o que acontecer, para o bem ou para o mal, aquela pedra está ali.

*Sobre essa observação do Gilberto (refere-se à observação de Gilberto Mendonça Teles, na obra *A Poesia em Goiás*, de que Domingos Félix de Sousa é uma presença brilhante em toda a atividade intelectual de Goiás de 1943 aos nossos dias), A opinião é muito lisonjeira para mim, mas reporta a uma realidade que é o meu modo de ser. Eu sempre pensei mais nos outros do que em mim.*

Temporis [ação] - Por que o senhor não escreveu crítica?

Domingos Félix - *Eu escrevi crítica de sobra. Ela esté esparramada pelos jornais do Brasil inteiro. Ao contrário do que Gilberto diz, eu não fui figura criadora eu fui figura dinamizadora. Mas, o senhor não escreveu a obra *A outra face*? Eu escrevi, eu escrevi... E o senhor mandou queimá-la? (a pergunta alude ao insólito fato de o escritor ter reunido todas as edições de sua obra de poesia intitulada *A outra face* e colocado fogo em tudo, em praça pública (segundo sua filha), para que não sobrasse nenhum resquício dela.). Não mandei queimar não, eu queimei, uai. Por quê? Porque não era arte. Arte é uma coisa mais sublime do que isso.*

Temporis [ação] - Quer dizer que o sr. não se considera um escritor?

Domingos Félix - *Eu fui um dinamizador, aí empurrando os companheiros, no lugar disso que gilberto diz que eu sou um criador. Ele insinua que eu sou um criador, eu não fui um criador não, fui um dinamizador. Sempre participei, fui participante e sou participante, ainda agora que estou aleijado (refere-se à doença de mal de parkinson de que é acometido). — é um milagre estar falando uma frase atrás da outra. — fui participante nesse tempo todo, e ainda hoje sou, só participante, não criador.*

Quanto à Goiás velha, é um pedaço da alma de todos nós. Fora daquele provincianismo de lá, para nós que inteligentemente viemos de fora para dentro, Goiás é uma coisa sublime. A cidade de Goiás é muito mais que algumas vaidades provincianas que tem lá. Eu mesmo tenho um poema chamado "Goiás velho" que é a abertura do meu livro, mas eu não me lembro (para recitar).

Temporis [ação] - O Sr. Acha que a mudança da capital de Goiás para Goiânia dinamizou mais a arte, a literatura?

Domingos Félix - *Ah, foi muito importante. Foi a melhor coisa que teve. Foi o maior benefício que se teve para Goiás. Vocês devem isso a Pedro Ludovico. Para a literatura foi ótimo, porque Goiás vai se despidendo daquele provincianismo e vai ficando universal. Olha quanta influência que vem de fora... Todos os poetas, por exemplo, Zé Décio escreveu um poema lindo sobre Goiás, Bernardo escreveu diversos, José Godoy Garcia também, Afonso, Afonso escreveu..., não lembro, mas a obra dele é evocativa, não é só sobre Goiás.*

Temporis [ação] - O que o sr. acha de ter sido colocado, junto com o Décio, por Gilberto Mendonça Teles, ao lado de Drummond e dos poetas da segunda fase modernista?

Domingos Félix - *Drummond foi um velhinho danado. Ele estava no Ministério da Educação, o Portinari fez um quadro dele.*

Temporis [ação] - O senhor conheceu o Drummond?

Domingos Félix - *Ih... demais. Ele sempre teve vontade de conhecer Goiás. Morreu com vontade de vir a Goiás. Tinha alma mineira, estava muito próximo. Mas Drummond tinha mesmo (vontade de vir a Goiás). Ele fala, por exemplo, do "Edifício esplendor" (poema de Carlos Drummond de Andrade que se encontra na obra José) que se ergue na praia de Copacabana, falando do sentimento do mundo lá naquela solidão do edifício, do edifício em construção. Falando do sentimento dele, refere-se a Goiás: "Certo remorso de Goiás. Goiás, a extinta pureza...". Goiás se tornou um modelo, um motivo de inspiração para nós. Por exemplo, quando incendiou a Igreja da Boa Morte, houve um ciúme, porque nós vimos uma beleza e eu fiz um poema e um indivíduo em Goiás foi impertinente comigo porque achava eu não devia ter falado. Só porque eu peguei o fogo e transformei em poesia. Mas você fez poesia da cinza ou do fogo? De tudo, foi completo.*

Temporis [ação] - O que o senhor acha da produção literária em Goiás hoje?

O certo é que Goiás, em comparação, com a produção nacional está em posição de destaque. Poucos estados têm o fluxo editorial que aqui tem. Só Rio, São Paulo, Porto Alegre, Pernambuco. Não estou lembrando de vultos que apareceram..., Mas, por exemplo, o Miguel Jorge, o Heleno Godoy, a Yeda Schmaltz, a Darci é uma ótima crítica, tem o ... Gabriel Nascente.

(A filha do escritor, que acompanha a conversa, faz uma intervenção e conta que um amigo, Waldir de Castro Quinta, ficou com um exemplar do livro *A outra face* e dele mandou reproduzir outros e lhe ofereceu uma caixa cheia com as cópias) O que o sr. fez com a caixa de livros?

Domingos Félix - *Sumiu. Eu não tenho nem um livro. Na revista de vocês, eu quero que vocês publiquem o poema "Goiás Velho". É o meu canto de amor a Goiás.*

Temporis [ação] - Como o homem Domingos Félix que se expressou em versos na época da guerra, que viu de perto o “desencanto do mundo” se coloca diante dos acontecimentos, no cenário mundial, nacional e local, hoje?

Domingos Félix - *Eu sou da banda dos otimistas, a respeito de Brasília na história atual. Estão eliminando a força com eficiência de toda a população, herdada da, da....(pausa). Isso tudo (corrupção, a roubalheira) é um furo no tumor (antigo!) e que vai sair o carnegão. Eu sou otimista.*

Temporis [ação] - O senhor era ultra moderno, não era?

Fui, sim, o primeiro homem a andar de vespa em Goiânia. Eu era muito participante. Pintava quadros, cozinhava...

Quando me formei, eu era menor de idade. Fiz filosofia. Depois que fiz Direito. Nasci em Jaraguá, fiz ginásio em Bonfim e fui para Cuiabá, ainda menor, junto com os padres salesianos, e fiz filosofia. Quando voltei, fui o primeiro professor do Colégio Ateneu Dom Bosco, dava aula de tudo.

Temporis [ação] - Em quais jornais o Sr. escreveu?

Domingos Félix - *Em vários. Cinco de março, Diário de notícias, Correio da manhã, vários. Eu era free lancer.*

Temporis [ação] - Quem mais, além do Drummond, o sr. conheceu no Rio?

Domingos Félix - *Eu convivia muito com a turma do mineiros. Drummond, Abgar Renault, devo a Abgar o meu registro de professor, porque tirei o meu curso de Filosofia ainda menor de idade e precisava da autorização de Getúlio. Abgar me ajudou. Com o Pedro Nava, eu não tinha muito contato. Eu fiz um poema por ocasião da morte do Mário de Andrade, mas não cheguei a conhecê-lo. Ele tinha muita influência sobre os mineiros.*

Temporis [ação] – O senhor conheceu o Nelson Rodrigues?

Domingos Félix - *Uh-h-h, fui muito amigo dele. Sou fã do trabalho dele. Ele não era pervertido não. Ele é uma das figuras mais amigáveis que conheci. Tenho até receio de dizer isso, mas fui eu que botei o teatro grego na mão dele. Fiz ele ler. E como o sr. conheceu o Nelson Rodrigues? Eu não sei. (Intervenção da filha, dizendo que Guimarães Rosa deixou um livro carinhosamente dedicado ao pai, aliás, que ele tinha vários livros autografados por escritores com os quais ele conviveu. Conta que o pai tinha uma biblioteca enorme e que, por sua generosidade, foi dando todos os livros).*